

XII ENCONTRO DA INTERNACIONAL  
DOS FÓRUNS  
VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA ESCOLA  
DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO  
LACANIANO

1 - 5 MAIO 2024

AN  
GÚS  
TIA

COMO  
FAZÊ-LA  
FALAR?



MAISON DE LA CHIMIE  
28 BIS RUE SAINT-DOMINIQUE  
75007 PARIS - FRANCE

#### Fragmento 4 - Uma breve nota sobre tradução

*Traduttore, traditore.*

Assim diz Freud em seu livro sobre os *Chistes [jokes<sup>1</sup>]* e sua relação com o inconsciente (Freud, 1905, vol. VIII, p. 34), que o tradutor é um traidor. Contudo isso não é uma brincadeira para o tradutor, mas uma realidade que o tradutor enfrenta devido às inevitáveis dificuldades apresentadas pelas particularidades de cada língua, o papel crucial desempenhado pela metáfora e metonímia e o chamado jogo de palavras. Pode-se, afinal, brincar com a língua, trocar algumas letras, e é essa maneabilidade, segundo Freud, que permite o prazer obtido com um chiste, com a libertação do absurdo [*nonsense*] e o levantamento da inibição. É claro que Lacan levou a maneabilidade da linguagem um passo adiante com seu uso inventivo e instrutivo de neologismos.

James Strachey, tradutor de Freud, conta-nos um pouco sobre o problema que enfrentou ao traduzir “*der Witz*” em sua tradução para o inglês de *Chistes e sua relação com o inconsciente* (Freud, 1905, vol. VIII, p. 6-7). Observou que, por uma questão de coerência, uma concessão se fazia necessária. A palavra “*wit*”<sup>2</sup>, ou “*witty*”, em inglês, tem um significado muito mais restrito, referindo-se mais a um tipo refinado ou intelectual de humor. Tal dificuldade implicava que nem a palavra “*joke*” nem “*wit*” se encaixavam perfeitamente para o tradutor. A palavra “*joke*” tinha um significado mais amplo que permitia ao leitor fazer sua própria interpretação, mesmo que, em alguns casos, a tradução estivesse incorreta. Para Strachey, uma vez adotada a palavra inglesa, a coerência no uso era importante.

Assim também acontece com a palavra alemã “*Angst*”. Strachey comenta diretamente sobre a tradução de “*Angst*” para o inglês (Freud, 1895, vol. III, p. 116). Assim como “*anxiety*”<sup>3</sup>, no inglês, “*Angst*” é uma palavra bastante comum em alemão. No entanto, o que parecia importante para Strachey era que a tradução tinha que refletir o que era o uso psiquiátrico de Freud da palavra “*Angst*”, que estava presente em palavras como “*Angstneurose*”. Isso levou Strachey a usar a palavra “*anxiety*”, a despeito de ter usos mais amplos em inglês. Strachey nos diz que o uso psiquiátrico da palavra “*anxiety*” remonta a meados do século XVII e, assim como “*Angst*”, seu uso psiquiátrico está refletido em sua etimologia. Ambos têm uma referência à constrição e à característica psicológica em questão (*Angst* - *eng*: *estretitar, restringir*; *anxiety* - *angere*: *apertar, sufocar*). A palavra em inglês “*anguish*” também tem a mesma raiz etimológica de “*anxiety*” e “*Angst*”, mas Strachey afirmou que aquela refletia um estado psicológico mais aguda. Strachey faz concessões ao usar “*anxiety*” no lugar de “*Angst*”, uma tradução mais técnica, caracterizada por um elemento antecipatório e pela ausência de um objeto.

<sup>1</sup> NT: Em inglês, chiste, “*Witz*”, foi traduzido por “*joke*”, que significa brincadeira, piada, anedota.

<sup>2</sup> NT: O termo “*wit*” significa sagacidade, astúcia, perspicácia.

<sup>3</sup> NT: A despeito dos outros termos para *Angst*, em inglês, Strachey optou por “*anxiety*”, que é mais frequentemente utilizado com o sentido de ansiedade.

“*Anxiety*” como uma tradução em inglês para “*Angst*” é uma concessão. A angústia [*anxiety*] tornou-se uma das queixas mais frequentes e aparentes na clínica psicanalítica moderna. Como na época de Freud, ela pode aparecer de várias maneiras, de modo que tem se tornado cada vez mais difícil de saber o que o sujeito pretende quando se diz angustiado. Seguindo Freud, Lacan vincula a angústia ao real, “*Hilflosigkeit*” diante do que não pode ser falado. A angústia é, como Lacan a chamou, um afeto excepcional. É o afeto que não engana, justamente por não ter objeto possível, mas um objeto impossível, o *objeto a*. Devido à concessão e ao uso mais amplo da palavra “*anxiety*”, cabe, portanto, a nós, analistas na clínica, descobrir o que o paciente está falando quando se refere ao significante “*anxiety*”, como muitos fazem na clínica psicanalítica inglesa. É preciso apurar se o real está em jogo quando se fala em “*anxiety*”. Quando um paciente chega falando de “*anxiety*”, não podemos supor que ele esteja falando de outro afeto menos excepcional por não usar a palavra “*Angst*” ou “*anguish*”, que é menos comumente usada em inglês. Tampouco podemos supor que haja um objeto real impossível em jogo. Falamos de *angústia*) real? Como fazê-la falar?

O uso da palavra “*anxiety*” tem uma ressonância para quem lê e estuda Freud e Lacan em inglês. Podemos ter herdado essa tradução com relutância, mas a coerência, quando precisamos nos tornar o traidor, permanece apropriada. Estou ansiosa para uma discussão animada sobre o tema em Paris.

Carmelo Scuderi  
Melbourne,  
Setembro 2023

*Tradução:* Leonardo Pimentel